

UMA CLÍNICA DA ESCRITA: EXPERIÊNCIAS COM UM ATELIÊ

Writing Clinical: an experimental workspace

Leonardo Martins Costa Garavelo¹

Tania Mara Galli Fonseca²

Artigo encaminhado: 15/03/2016

Aceito para publicação: 16/06/2016

RESUMO: O problema que embasa o presente artigo interroga sobre a potência clínica da escrita junto a frequentadores do Ateliê de Escrita da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Toma como pressuposto que o ato de escrever porta tendências desterritorializantes aos sujeitos portadores de sofrimento mental, como de resto a qualquer um outro, colocando-se como dispositivo da invenção de si e de mundos. Trata-se, nesse caso, de irmos a cartografar algumas experimentações realizadas junto ao Ateliê de Escrita, mapeando agenciamentos coletivos que se tornam acontecimentos no decorrer do processo. Assume-se que as escritas produzidas nesse âmbito possam ser tomadas como testemunhos de vidas infames que experimentam inéditas experiências de falar de si a partir de sua loucura e dos estigmas sociais que lhes são impostos pela discursividade hegemônica. Nossos procedimentos metodológicos inscrevem-se no escopo das pistas cartográficas, nas quais assumimos a posição ativa de narrar acompanhando processos e deslocamentos dos sujeitos, implicados à experiência do Ateliê de Escrita. Busca problematizar os modos de subjetivação contemporâneos tomando a arte e a escrita como potencializadores de deslocamentos subjetivos que se colocam como expansores de vidas encolhidas socialmente e marcadas pelas práticas sociais de sua exclusão e apagamento.

Palavras Chave: Clínica; Coletivo; Escrita; Experiência.

ABSTRACT: The research presented in these article questions the strength inside the practice of the writing clinic made with the users of the "Writing Workspace of the São Pedro Psychiatric Hospital". The idea is that the writing brings deterritorializing trends to the people with mental suffering, as indeed to anyone else, posing as a device for the invention of themselves and new worlds. It is, in this case, a matter of mapping some experiments conducted by the Writing Workspace, mapping collective assemblages that become events during the process. It is assumed that the writings produced in this area can be taken as evidence of infamous lives that had unprecedented experiences to talk about themselves from their folly and social stigmas they are imposed by the hegemonic discourse. Our methodological procedures, fall within the scope of cartographic tracks, in which we assume the active position of narrating following

¹ Psicólogo, professor e pesquisador. Doutorando em Psicologia Social e Institucional pelo PPPSI/UFRGS. leonardogaravelo@gmail.com

² Psicóloga pela PUC/ RS. Mestre em Educação pela UFRGS. Doutora em Educação pela UFRGS e Pós-doutora pela Universidade de Lisboa. tgallifonseca@gmail.com

processes and displacement of persons, involved the workshop experience of writing. Seeks to question the ways of contemporary subjectivity taking art and writing as improvers of subjective displacements that themselves, as expanders and socially marked shrunken, lives the social practices of their exclusion and deletion.

Keywords: Clinic; Collective; Writing; Experience.

1. INTRODUÇÃO:

Entendemos que uma pesquisa é composta por múltiplas entradas e, muitas vezes, caminhos labirínticos, duplos, inconstantes. Pesquisar para nós tem o sentido de uma busca, sem início ou fim preestabelecidos, mas sim uma longa preparação, uma busca incessante. Nesse sentido, resgatamos pesquisas, estudos e anotações, desde a fundação do Ateliê de Escrita da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, no ano 2010. Trata-se de uma busca contemporânea, aberta ao que virá, no ritmo dos efeitos do que se passou. Algo como uma experiência intempestiva que nos coloca diante de um real impossível de ser significado, vamos aos poucos, firmando-nos em nossas insuficiências perceptivas, ventanias afetivas e fôlegos conceituais. Resta-nos, ainda, o silêncio daquilo que não podemos alcançar, a noite em que nos encontramos e frente à qual funcionamos como pequenos vagalumes intermitentes. Um dos trabalhos do pesquisador é pensar a experiência da pesquisa *a posteriori*, depois que se produziu sentido. Como camadas do tempo onde estão impressas a trajetória do nosso pensamento. Passado e futuro compondo o presente. De peito aberto, pesquisar se torna uma dança do tempo e o pesquisador baila entre suas variadas posições narrativas: ora como tradutor de silêncios e gestos esquizos, ora como cartógrafo dos encontros e acontecimentos, e também, porque não, biógrafo das *intranscritíveis* vidas que orbitam os emaranhados do tempo no espaço literário tornado Ateliê de Escrita.

2. O VENTO CALMO DO ATELIÊ DE ESCRITA

... uma fresta na janela continuou aberta. Assim como a torneira que não fecha totalmente, a janela também nunca tranca, anarquizando a arquitetura

imponente e ao mesmo tempo frágil do centenário hospital. Observemos com atenção essa fresta: o que vemos? De onde vem esse som que assobia canções de uma língua que não compreendemos? Desde sua reativação, ao final do ano de 2010, o Ateliê de Escrita já ocupou diversas salas no quarto pavilhão do velho hospício. Em todos os espaços, uma fresta na janela se repetia, variando suas formas e sons, cores e rumores. Pela fresta um vento vindo de longe sobe pela nossa canela e arrepia a nuca descoberta. Nossos corpos são tomados por distintas vozes e os ouvidos aprendem uma estranha habilidade para colher silêncios brancos contraídos nos azulejos e flertar com os redemoinhos de ar que interpelam os arquivos loucos do Acervo da Oficina de Criatividade. O vento levanta a poeira em nosso estimado deserto de pinturas embrulhadas em papel pardo. Na poeira e em cada grãozinho de pó na superfície dos papéis, ilimitadas vidas fazem morada, entre esconderijos do tempo. É neste espaço-tempo que nossa pesquisa acontece, e pela fresta na janela encontramos esconderijos de uma memória quase esquecida. Há uma virtude no vento que compõe perfeitamente com nossa pesquisa: ele é impessoal, tem uma certa dose de transporte, vem de longe e sem alarde, não se espera ou se conhece. Essas imagens de pensamento nos são oferecidas por Peter Pál Pelbart ao abordar a leitura que Gilles Deleuze faz de Spinoza. Segundo o autor, o vento “carrega partículas de mundos diversos e os espalha a seu bel prazer, misturando domínios e embaralhando os gêneros, espécies, linhagens e hereditariedades. Há sempre uma desterritorialização eólica que esconjura a pura cepa” (Pelbart, 2013, p. 328).

Tais virtudes potencializadas pelo vento aparecem seguidamente em nossa pesquisa, oportunizando pensar a experiência no Ateliê através, justamente, de suas zonas de encontro, hibridização, borramento de fronteiras, corpos e subjetividades. Assim como o vento, o Ateliê carrega sementes vindas de lugares distantes e as planta em lugares novos e desconhecidos, o Ateliê tomado como vento, carrega e compõe mundos diversos embaralhando diferentes estilos e modos de escrita. Nossas sementes são palavras, letras que nos fazem delirar, inventar e fabular vidas. “Inventar é movimentar-se no território radical do inesperado, que nos desarticula completamente (...) a subjetividade foi desacomodada daquele lugar que costumava habitar. Liberaram-se potências desconhecidas que lhe exigem outras referências sígnicas, outra geografia de

sentidos por onde transitar.” (Preciosa, 2010, p. 75). Inventar nos leva, portanto, para diferentes geografias, desacomodando a subjetividade e experimentando outras variações de si. Como o vento, uma massa de ar invisível nos toma por inteiro, “como se estivessem expostos a um vento brincalhão que se diverte em lhes virar pelo avesso, em soprar-lhes na alma espanto. O vento e suas desorientadas acrobacias invadem o espaço vida, inventam um arrevesado sentido para a existência.” (Pelbart, 2013, p. 337).

Palavras carregam uma potência impessoal e não fazem alarde. Passam sub-reptícias pelos discursos de ordem, verdade e poder. Ao não fazer alarde, diríamos que este *modo vento* expressa uma primeira imagem de pensamento do Ateliê. Uma primeira imagem que carrega em si um sussurro-mundo, uma zona de indeterminação, sem início ou fim, sem origem ou expectativa de chegada. Trata-se de uma espécie de vento anônimo que, de certa forma, problematiza, entre outras coisas, a própria função-autor: “assim, é sempre uma multiplicidade que fala ou que pensa. O eu dissolvido, o eu larvar, o eu contemplativo, o eu passivo, os múltiplos eus, Eu é um outro (...).” (Pelbart, 2013, p. 334). Através dessa multiplicidade que escreve, lê e escuta, sobram rastros e restos de nós de cada um. O texto contempla um profundo gesto de gratidão. De entrega ao outro. De sopro sem origem ou destino. E ao mesmo tempo quer expressar o lugar de onde falamos, deseja traduzir silêncios e invisibilidades através de palavras e imagens. Interessante essa ideia de *traduzir silêncios*, afinal, seria possível traduzir silêncios? Do ponto de vista formal e instituído, provavelmente seria uma escuta infértil, mas do ponto de vista dos rumores e afetos, os silêncios transmitiriam a plena potência impessoal do Ateliê, de intersecção entre loucura e criação.

“Não relegamos tal silêncio ao gênero das excrescências, sendo seu “resto” não um apêndice secundário e negativo, mas, sim, o lugar ainda não atingido pela linguagem. Isto nos leva a problematizar a equivocidade das palavras, a errância dos sentidos, o lugar do *nonsense* não como meros acidentes, mas como o cerne mesmo de seu funcionamento.” (Fonseca; Filho, 2014).

O vento brinca com o silêncio. Joga com os gritos que ecoam nos corredores e salas vazias. Através de uma fresta enferrujada, por exemplo, faz alvoroço e agita a multidão de palavras que repousavam mansas na solidão do arquivo, exatamente como o fragmento de um texto do Ateliê: o silêncio aparece e some entre cada passo, atravessado pelo arpejo do vento na fresta de ferro. A

cada passo adentro do arquivo atelial, aumenta nosso grau de impessoalidade e exterioridade. Quanto mais dentro dos arquivos do Ateliê, mais age fora do pensamento. A impessoalidade eólica e a vastidão do silêncio imanentes à experiência propiciam refletir também sobre a própria questão do pensamento e a função-autor em meio a essas constantes ventanias arquivistas:

“...é todo o problema que ocupou o século 20: quem pensa? Desde Nietzsche, passando por Artaud, Blanchot, Lacan, Foucault, a identidade do autor e a patente que detém ele sobre sua produção foi posta em xeque. A função-autor foi questionada, bem como a atribuição do pensamento ao sujeito do conhecimento, à consciência ou as figuras derivadas”. (Pelbart, 2013, p. 333).

Dentre os autores citados acima, Nietzsche, Artaud, Blanchot e Foucault atravessam nosso artigo de ponta a ponta, os quatro, mais Deleuze, Guattari, Barthes, Benjamin, Derrida e Spinoza são nossos principais intercessores filosóficos para pensar a pesquisa e o acontecimento do Ateliê de Escrita. Noutro momento do texto, Pelbart tece uma fala de Deleuze sobre Spinoza registrada nos Cursos de Vincennes, de 1980. Segundo o filósofo francês, Spinoza teria sido um dos poucos a chegar ao estatuto de um *grande vento calmo*. Grande vento calmo, nesse sentido, está ligado ao conceito spinoziano de “causa imanente”, que também pode ser entendida como Deus ou Substância. Ou ainda, como Pelbart aponta no seguimento do capítulo: o vento calmo pode ser entendido como “a univocidade do ser” e o “plano de imanência”, daí nossa correspondência com a imagem do vento, o Ateliê permanece movimentando os ares em nossos arquivos, entoando nossos sonhos, crispando as ondas que se levantam em séries improváveis.

Aconteceram tantas coisas no Ateliê de Escrita que seria impossível transmiti-las por completo. Para avaliar a propriedade destas palavras exercitaremos uma leitura singular, um modo de recolher fragmentos que jamais estará acabado. Procuramos dar organicidade aos inconstantes e imprecisos tempos do escrever. Não se trata de propor uma estrutura linear, mas de uma busca de restos nos próprios rastros do pesquisar, fagulhas deixadas como vestígios de uma imersão junto aos equipamentos do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Procuramos montar caminhos de nossa pesquisa desde seus acontecimentos iniciais – constantemente movediços – e seguir por suas veredas até o presente momento que se mantém mutante. Pesquisar no plano empírico do HPSP torna-se uma tarefa que se metamorfoseia em associações

desejantes, não com o sentido de interpretar ou representar, mas como uma forma de estar atento às hibridizações e aos contágios vivenciados no Ateliê:

“estaríamos diante de processos de “transporte” de “pólen filosófico”, seja no interior da filosofia ou para fora dela, numa verdadeira ecologia das emissões e disseminações. Os problemas que se colocam, assim, seriam menos da ordem da interpretação ou da recepção, do que da hibridização, contaminação e contágio.” (Pelbart, 2013, p. 327).

Uma névoa impessoal paira sobre pesquisa nos remetendo à experiência do Ateliê de Escrita. Poderíamos dizer que se trata, portanto, de um espaço-tempo para o testemunho de *vidas infames*: “a experiência em Nietzsche, Blanchot, Bataille tem por função arrancar o sujeito de si próprio, de fazer com que não seja mais ele próprio, ou que seja levado ao seu aniquilamento ou à sua dissolução”. (Foucault, 2010, p. 290). Passamos a pensar nessas durações infames. E como uma espécie de zumbido, uma série de problemas começa a se agenciar: como escrever um encontro coletivo com a loucura? Existe uma racionalidade capaz de expressar com palavras as invenções do corpo com o tempo? E ainda: como uma escrita literária e conceitual pode contribuir para o exercício do pensamento imanente às práticas em saúde mental?

Não temos a pretensão de responder tais questões, mas sim de tomá-las como dispositivo. Leiamos um trecho de um texto de Maria Aparecida Osório³, uma das participantes do Ateliê, no qual articula a experiência do Ateliê ao vento, à poesia, à saúde, ao tempo:

“Afinal a poesia se compõe na forma de se expressar... Assim encanta ou faz pensar; Quando o olho se depara, colhe e paira ou interna ou aflora, externa ou; Numa paisagem em movimento o sol frio vento, Um afago no rosto, Tudo que move, sente; Por exemplo: O desgosto que se faz presente afoga quase mata, alegria entenece a gente E ao mesmo tempo tudo para ou passa lentamente!”

Cida nos presenteou com esse texto. Vejamos bem: *a poesia se compõe na forma de se expressar*, não só com palavras e rimas, a poesia se faz corpo, gesto, movimento. Mesmo com a presença da morte, no desgosto e sofrimento presentes constantemente no velho hospital, ainda há alegria que faz o tempo passar mais devagar. Fagulhas inventivas que nos fazem pensar e expandir nossas percepções e, com isso, subvertemos a própria consciência de si e do mundo, entregues à inconsciência de um processo criativo.

³Mantivemos os nomes reais de todos integrantes do Ateliê de Escrita tendo em vista a prévia autorização das pessoas envolvidas e as devidas resoluções do comitê de ética em pesquisa.

3. A EXPERIÊNCIA COM O ATELIÊ DE ESCRITA

... como escolher uma imagem que situe o lugar de onde falamos? Uma imagem que produza composições entre escrita e loucura. Imagem aberta, tramada entre linhas sutis, que costure a longa travessia da pesquisa? Através da experiência no Ateliê, escrita e imagem dançam uma coreografia imprecisa, inconfessável, incompleta, afeita às *imagens do pensamento e fantasias da escrita*. Tramas insanas formam, produzem e potencializam o texto. Ao potencializar a escrita, afirmamos o corpo, com um método intempestivo colhemos uma efêmera multidão de imagens, de coletivos e de ilimitadas vozes que fazem eco na superfície branca do frio azulejo do hospital.

“Escrever é fazer-se eco do que não pode falar – e por causa disso, para vir a ser o seu eco, devo de certa maneira impor-lhe silêncio. Proporciono a essa fala incessante a decisão, a autoridade de meu próprio silêncio. Torno sensível, pela minha mediação silenciosa, a afirmação ininterrupta, o murmúrio gigante sobre o qual a linguagem, ao abrir-se, converte-se em imagem, torna-se imaginária, profundidade falante indistinta plenitude que está vazia. Esse silêncio tem origem no apagamento a que é convidado aquele que escreve” (BLANCHOT, 2011, p.18).

Escrever como se estivéssemos contando a história de uma amiga, como escreve Jacqueline Antunes Krueger, outra participante do Ateliê de Escrita:

*“Eu aqui no ateliê de escrita
desde 2011 coloco no papel
alguns sentimentos que pipocam aqui
e ali dentro de mim.
Neste lugar mágico encontrei o
esconderijo ideal para libertar e
contar o que sou sem dizer nada
de mim diretamente. Amigos, risadas
confidências em forma de poesia tipo assim:
“eu tinha um amigo que era de tal modo...”
Aqui é legal posso escrever tudo
nada sou eu, nada é meu, apenas
a história de uma
amiga”*

Amizade e experiência compõem um elo longínquo, uma presença ausente... Nossa experiência com o Ateliê de Escrita torna o lugar, o espaço, o território uma espécie de tempo *outrado* dentro do Hospital Psiquiátrico. Não se trata somente de um espaço entendido do ponto de vista físico, geográfico e arquitetônico, mas atravessado por uma experiência-limite em um espaço-tempo

literário que transforma os sujeitos que dele participam se metamorfoseando de forma recíproca a cada novo encontro, a cada novo dia e acontecimento.

O Ateliê de Escrita carrega uma potência para “justapor em um só lugar real vários espaços” (FOUCAULT, 2009, p. 419), ou seja, como um livro aberto feito para nos manter fora, nos remete a uma dimensão *heterotópica*, à medida que toma

“como objeto esses espaços diferentes, esses outros lugares, essas contestações míticas e reais do espaço em que vivemos. Essa ciência estudaria não as utopias, pois é preciso reservar esse nome para o que verdadeiramente não tem lugar algum, mas as hetero-topias, espaços absolutamente outros” (FOUCAULT, 2013, p. 20).

Outra linha interessante nesse conceito é que as heterotopias têm ligação direta com o tempo, quando os homens experimentam uma ruptura absoluta com seu tempo tradicional, como cemitérios, festas e embarcações. “Ocorre que as heterotopias são frequentemente ligadas a recortes singulares do tempo. São parentes, se quisermos, das heterocronias.” (FOUCAULT, 2013, p. 25). Percebemos o Ateliê como um espaço de diferenciação e de expansão da vida, com dimensão clínica para fazer desviar o peso dos estigmas alimentados tanto pela sociedade como pelos próprios sujeitos em sofrimento mental, que acabam por consentir em aderir, muitas vezes, às forças que os tornam cada vez mais incapazes e impotentes. Foucault também aponta uma reflexão sobre as heterotopias de desvio, ou seja, aquelas em que os sujeitos desviam “da média ou à norma exigida. São casas de repouso, as clínicas psiquiátricas.” (FOUCAULT, 2009, p. 416). Diríamos, sem correr o risco de sermos levianos, que a experiência com o Ateliê nos provoca uma ruptura no tempo tradicional e ao mesmo tempo que estamos dentro do hospital psiquiátrico, tornamos os encontros pulsações de mundos estrangeiros abertos ao fora.

Conforme pesquisa de Tatiana Levy sobre *A experiência do fora* em Blanchot, Deleuze e Foucault colhemos significativas pistas para entender nossa experiência atelial. Para a autora:

“fazer do pensamento e da arte uma experiência do Fora pressupõe o contato com uma violência que nos tira do campo da reconhecimento e nos lança diante do acaso, onde nada é previsível, onde nossas relações com o senso-comum são rompidas, abalando certezas e verdades.” (LEVY, 2003, p. 92).

Nesse sentido, passamos a contornar os limiares de nossa atenção precisamente entre essas noções, compreendendo que a experiência no Ateliê

de Escrita pode provocar o abalo necessário para nos fazer pensar sobre nossa própria insanidade, nossos singulares modos de escrever. Faz-nos construir um texto-tese-livro compondo uma rede imprecisa de coletividades. Vale lembrar que coletivo para nós está ligado à noção de agenciamento: “coletivizar: acessar/produzir o plano coletivo de forças; ação de constituição do comum, do impessoal.” (ESCÓSSIA, 2012, p. 53). Provoca desdobramentos daquilo que se faz passagem no corpo dos escritores. Faz da experiência aquilo que Deleuze e Guattari chamaram agenciamento coletivo de enunciação, justamente por haver uma espécie de dissolução dos sujeitos expressando a potência impessoal da experiência:

“Não há sujeito, há apenas agenciamentos coletivos de enunciação – e a literatura exprime esses agenciamentos, nas condições onde eles não são dados para fora, e onde eles existem apenas como potências diabólicas futuras ou forças revolucionárias a serem construídas.” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 28)

Leitura e escrita tomadas como uma *experiência do fora*, como uma forma de afirmação de um devir-outro onde *outrem* não é nem sujeito nem objeto, mas aquilo que, em torno de cada objeto que percebemos, organiza uma espécie de mundo marginal.

Desse mundo marginal que orbita e compõe nossa experiência atelial, diferentes camadas de um arquivo em constante transformação. Entre uma camada e outra, assumimos uma condição de estrangeiro em nós, e o Ateliê se torna, como diz a Jacque, um lugar mágico, um esconderijo para libertar e contar o que somos sem dizer nada de nós diretamente: “Neste lugar mágico encontrei o esconderijo ideal para libertar e contar o que sou sem dizer nada de nós diretamente”. Simplesmente amamos este poema. De uma forma ou de outra, ele consegue definir plenamente o Ateliê de Escrita. Há uma atmosfera propícia para trocas, criações, delírios e múltiplas aprendizagens. Mas não se trata de um ambiente de aprendizagens instituídas, não estamos lá para lecionar ou exercitar nossa docência. Seria uma aprendizagem ao estilo deleuziano, nas palavras de Zourabichvili: “... a aprendizagem torna-se em Deleuze, o modelo de toda experiência, uma vez que ela se confunde com a inventividade do desejo.” (ZOURABICHVILI, 2005, p. 1310). Nossa presença no Ateliê está implicada com o desejo de invenção de si e de experiências que nos transformem em pessoas

mais sensíveis e abertas ao outro. Assim como pensa Foucault falando sobre experiência em uma entrevista:

“Só escrevo por que não sei, ainda, exatamente o que pensar sobre essa coisa que tanto gostaria de pensar. De modo que o livro me transforma e transforma o que penso. (...) Sou um experimentador no sentido em que escrevo para mudar a mim mesmo e não mais pensar na mesma coisa de antes” (Foucault, 2010, p. 290).

Dentre diversos conceitos e noções de “experiência”, a proposição foucaultiana se relaciona perfeitamente com nosso entendimento sobre o Ateliê. Poderíamos pensar, inclusive, que a fabricação deste sinuoso arquivo produzido com o Ateliê nos transforma a cada novo encontro.

4. UMA CLÍNICA DA ESCRITA

... um povo menor está porvir. Entre fragmentos e testemunhos, esconderijos do presente, encontros provocando passantes ficções em nossos corpos... Encontros e passagens que problematizam as variações da função-autor, função-psicólogo, função-pesquisador. Registros esquizos que agenciam um abandono do pensador em favor do pensamento. Gestos que nos exigem o abandono da forma “eu” em prol de uma experiência impessoal... Encontros entre escrituras e silêncios fazem saltar uma problematização ética-estética-política chamada por nós de *Clínica da Escrita*. É dessa forma que, sendo leitor desse plano-esquizado da escrita, o pesquisador pode vir a se tornar igualmente esquizado em seus próprios devires de escrita. Sentimo-nos afetados pelos procedimentos do Ateliê como qualquer um outro usuário diagnosticado como louco. *Qualquer*, nesse sentido que estamos pensando, remete à obra de Giorgio Agamben, quando o autor escreve:

“o ser que vem é o ser qualquer (...) o ser qualquer estabelece uma relação original com o desejo. O Qualquer que está aqui em causa não supõe, na verdade, a singularidade na sua indiferença em relação a uma propriedade comum (a um conceito, por exemplo: o ser vermelho, francês, muçulmano), mas apenas no seu ser tal qual é. A singularidade liberta-se assim do falso dilema que obriga o conhecimento a escolher entre o carácter inefável do indivíduo e a inteligibilidade do universal.” (Agamben, 1990, p.10).

No espírito de nossa condição de participante do Ateliê, ser como *qualquer um* assume uma potência ao mesmo tempo impessoal e uma construção estilística própria.

“Os paradoxos definem, na verdade, o lugar do ser linguístico. Este é uma classe que pertence e, ao mesmo tempo, não pertence a si própria, e a classe de todas as classes que não pertencem a si próprias é a língua. Uma vez que o ser linguístico (o ser-dito) é um conjunto (a árvore) que é ao mesmo tempo, uma singularidade (a árvore, uma árvore, esta árvore)...” (Agamben, 1990, p.15).

Quer dizer, não estamos preocupados com os padrões identitários e hegemônicos sobre a loucura ou os nobres modos de escrita vigentes. Nossa clínica da escrita subverte o senso comum e o bom senso. Nossa compreensão a respeito do *comum* implica necessariamente as heterogeneidades e multiplicidades. O ateliê se torna, portanto, uma frágil comunidade que escreve.

Frágil, não por sua fraqueza e suscetibilidade frente à vida, mas sim por sua leveza, soltura e pouco apego a planos antecipados e memoriais. Uma frágil comunidade que age no esquecimento de suas qualidades infames, que se ergue desde a possibilidade de não se colocar em dívida social, de dar-se um alívio em relação às promessas apolíneas que encharcam nossos modos de subjetivação. Uma frágil comunidade que escreve formando um emaranhado de linhas de enunciação, espécie de constelação de um certo tipo de povo menor. Seres que não vistos com os olhos do bom senso e tampouco com o da concordância entre as faculdades egóicas. Disparatados e desengonçados fazem rugir as canetas na produção de rumores que não são escutados por célebres ouvidos ilustres. Todos nós, pesquisadores e frequentadores do Ateliê, admitimos um certo amor às zonas indiscerníveis de criação e, em tais zonas intensivas, uma aglomeração de componentes sensíveis faz passagem. Nossa clínica é repleta de amor, não somente pelos beijos que a Nilza dá na folha, mas um amar que se faz passagem e desvio, que se torna estilo e atitude.

“A passagem da potência ao acto, da língua à fala, do comum ao próprio acontece sempre em dois sentidos, segundo uma linha de cintilação alternativa em que natureza comum e singularidade, potência e acto se tornam reversíveis e se penetram reciprocamente. O ser que se gera nessa linha é o ser qualquer e a maneira como passa do comum ao próprio e do próprio ao comum chama-se uso – ou então *ethos*.” (Agamben, 1990, p.24).

Ética de um amor que instiga a desobedecer uma certa lógica automática de ser e estar, onde tudo é cômodo e confortável, onde o tempo gira, subjugado às linearidades de uma cronologia dura. Afirmamos histórias e narrativas como potências intempestivas. Sustentamos os paradoxos, as diferenciações que forçam o pensamento a pensar, que desnaturalizam e desterritorializam para em

seguida construir outro território existencial possível. Habitamos passagens numa espécie de emaranhado intempestivo. Tecemos tempos entre espaços sutis, brechas, frestas. Escrituras noturnas, fora das verdades iluministas, mas iluminadas pela intermitência de pequenas luzes, como a dos vagalumes que sobrevivem na escuridão de sua existência e que adquirem o fulgor de sua aparição, somente no contraste com a grande noite que os envolve. No caso de nossos sujeitos infames, vagalumes da noite social e sobretudo referida à loucura, eles tilintam raios a cada verso ou frase, qualquer de nós poder-se-ia identificar com o que escrevem, excluído o senso do cânone linguístico, essa superficial gramática frente aos sentidos disparados, desbaratados. Os pequenos vagalumes sobreviventes na longa noite da loucura escrevem e poetizam a vida, a sua, a minha, a de todos nós. Podemos assinar com eles o texto recém-escrito. Talvez até pensássemos, nesses momentos de leitura, que talvez nem teríamos tido a possibilidade de tê-los escrito, pois compreendemos que ainda não havíamos sido agraciados com essa sua força e com essa sua coragem. Rastros, restos e dobras dos e nos acontecimentos. Escritas imperfeitas. Minúsculas. Breves aparições que, não raro, fracassam. Caem. Quebram. Desaparecem...

Como cartografar tais desaparecimentos frente aos tortuosos labirintos da escrita e loucura? Diversas imagens povoam a pesquisa propiciando a criação de um território possível para efetuação desta escrita clínica. Dentre as diferentes *imagens de pensamento* que lemos em Walter Benjamin, o texto chamado “A árvore e a linguagem” marca de forma efetiva o passo por vir de nossa pesquisa e oferece uma bela reflexão sobre essa entrega de corpo inteiro às sensações que nos arrebatam, desses movimentos que se apoderam de nós, às vezes até, sem nos darmos conta:

“Subi por uma ladeira e deitei-me debaixo de uma árvore. A árvore era um choupo ou um amieiro. Por que razão não me lembro da sua espécie? Porque enquanto eu olhava para a folhagem e seguia o seu movimento, ela subitamente se apoderou de mim, de tal modo que esta consumou num instante, na minha presença, o antiquíssimo enlace com a árvore.” (Benjamin, 2013, p. 119).

A imagem de uma árvore operou relação muito profícua em nossa clínica atelial. Além de ocuparmos uma sala no segundo andar do quarto pavilhão do hospital, também costumamos realizar nossos encontros nos pátios do lado de fora. Escrevemos, pois, em meio às árvores: abacateiros, cinamomos, plátanos,

pitangueiras, figueiras.... Nesses dias, assim como o texto benjaminiano, é como se as imagens externas se apoderassem de nós nos fazendo escrever em seus nomes. Como já referimos em outros momentos, a arquitetura do velho hospital e suas ruínas agem como intercessores em nossos processos de escrita e leitura.

“Escrever é dispor a linguagem sob o fascínio e, por ela, permanecer em contato com o meio absoluto, onde a coisa se torna imagem, onde a imagem, de alusão a uma figura se converte em alusão ao que é sem figura e, de forma desenhada sobre a ausência torna-se presença informe dessa ausência, a abertura opaca e vazia sobre o que é quando não há mais ninguém, quando ainda não há ninguém.” (Blanchot, 2011, p.26).

Em nosso coletivo de escrita, ao mesmo tempo em que construímos um espaço comum, também permitimos essa *solidão essencial* à qual se refere Maurice Blanchot. Durante nossos encontros, permanecemos longos períodos em silêncio, como se estivéssemos nos conectando com esse fascinante entre a coisa e a imagem, entre a experiência e a escrita, entre coletivo e solidão, presença e ausência. Nossa clínica da escrita parece nos oportunizar esses momentos de mergulhos no plano das sutilezas de vagas luzes que não conseguiríamos perceber no turbilhão de estímulos com que somos bombardeados diariamente.

A humanidade parece tão atordoada com as correrias do dia a dia que não nos tornamos capazes de reconhecer as imagens menores, moventes e fugidias que compõem nossas vidas. Michel Onfray chamou essa aceleração e aprisionamento nas rotinas sedentárias de “tempo laborioso da civilização”, “espaço quadriculado e a cronometragem da existência” (ONFRAY, 2009) Quanta coisa deixamos de ver em nosso cotidiano limitado. Acabamos por barrar uma espécie de vento polinizador constituído por imagens, ficando presos nas grandes e luminosas imagens publicitárias e no culto à fama e às celebridades. Sem falar na quantidade exacerbada de fotos chamadas *selfie* cuja característica é o aumento do narcisismo, do individualismo e das aparências. Em meio a tantos estímulos ao consumo, deixamos escapar a beleza das ínfimas percepções. Ver e escrever se reduz a reproduzir e representar. O que está em questão é o modo como nos relacionamos e compomos com o mundo, com os objetos e pessoas... a escrita se torna quase um manifesto pela errância dos sentidos, numa longa viagem pela superfície da pele até o instante decisivo da captura do movimento, momento único e singular: “perspectivando como

fragmento, o *instante decisivo* possui o fulgor de um momento no qual uma porção de luz se prende a um gesto que toca a verdade *desse momento*; como uma errância no silêncio.” (VILELA, 2010, p.522). A escolha pelo fragmento, implica uma posição clínico-política, absorvendo uma ética subversiva à tirania da visão totalitária da loucura e dos loucos.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Lisboa: Presença, 1990.
- BENJAMIN, Walter. **Imagens do Pensamento: Sobre o Haxixe e outras drogas**. Autêntica: Belo Horizonte, 2013.
- BLANCHOT, Maurice. **O Espaço Literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka por uma literatura menor**. Imago: Rio de Janeiro, 1977.
- ESCÓSSIA, Lílina da. **Coletivizar**. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN Cleci (orgs). *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- FONSECA, Tania Mara Galli; FILHO, Carlos Antonio Cardoso. **O silêncio do arquivo**. In: FONSECA, Tania Mara Galli; ARANTES, Esther Maria de M. (orgs). *Cartas a Foucault*. Porto Alegre, Sulina, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Conversa com Michel Foucault**. Em: *Ditos e Escritos VI*. Rio de Janeiro: Forsense Universitária, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico; As heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Outros Espaços**. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos III: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2009.
- LEVY, Tatiana Salém. **A Experiência do Fora: Blanchot, Foucault, Deleuze**. Relumé Dumará: Rio de Janeiro, 2003.
- ONFRAY, Michel. **A Teoria da Viagem: poéticas da geografia**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- PELBART, Peter Pál. **O Averso do Nihilismo: cartografias do esgotamento**. Edições N -1: São Paulo, 2013.
- PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escritura em processo**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 75.
- VILELA, Eugénia. **Silêncios Tangíveis. Corpo, resistência e testemunho nos espaços contemporâneos de abandono**. Porto: Afrontamento, 2010.
- ZOURABICHVILI, François. **Deleuze e a questão da literalidade**. *Educação e Sociedade*. Campinas, v.26, n. 93, set/dez 2005.